

BASÍLICA E NECRÓPOLE ALTOMEDIEVAIS DE VISEU

Ivone Pedro – João L. Inês Vaz

Ao fazermos a presente comunicação, mais não pretendemos do que dar uma primeira notícia das quatro campanhas de escavação realizadas na cidade de Viseu e trazer ao conhecimento de todos os que se dedicam à arqueologia dos primeiros tempos do cristianismo na Península os restos de uma basílica paleo-cristã e respectiva necrópole.

Assim, não faremos ainda a integração dos monumentos na arte geral deste período na Península, nem o estudo do espólio de que se destacam milhares de fragmentos cerâmicos e algumas moedas.

Veremos, isso sim, as principais consequências desta escavação para a História da cidade de Viseu, co-relacionando a tradição com os dados arqueológicos.

Do passado de Viseu até aos tempos medievais da formação de Portugal pouco se sabe. Tudo tem sido afirmado sem fundamentação científica não passando, pois, de especulação pura e simples ou deduções comparativas. As hipóteses formuladas só poderão transformar-se em verdades, no momento em que forem comprovadas no terreno.

Tem-se dito que em Viseu existiu um castro, antes da povoação actual. Ora, a existir, ele situar-se-ia na parte mais alta da cidade, na zona da Sé actual (Ver, por ex., GIRÃO 1925, p. 11-12 e COELHO, 1943, p. 15). Por outro lado, o Dr. José Coelho (COELHO, 1949, p. 34-35) afirma que existia, na época romana, uma necrópole no actual Adro da Sé e que viu os vestígios de uma casa luso-romana na confluência da Rua das Ameias com a Praça D. Duarte (COELHO, 1934). Foi a confirmação ou desmentido destas hipóteses que se pretendeu ao fazer a escavação a que procedemos

na confluência da Rua das Ameias / Praça de D. Duarte e na Praça de D. Duarte.

No canto formado pela muralha da «Varanda dos Cónegos» e torre/residência paroquial existiu até 1934 a «Casa da Guarda», destruída quando a cadeia deixou de funcionar na torre.

Desde aquela data até aos nossos dias, esse lugar esteve completamente abandonado, abrindo-se ali uma cisterna para acudir aos incêndios da parte alta da cidade. Ao mesmo tempo, fazia-se ali a feira da cerâmica, o que explica o aparecimento de muitos fragmentos de cerâmica de Molelos, quando procedemos à escavação.

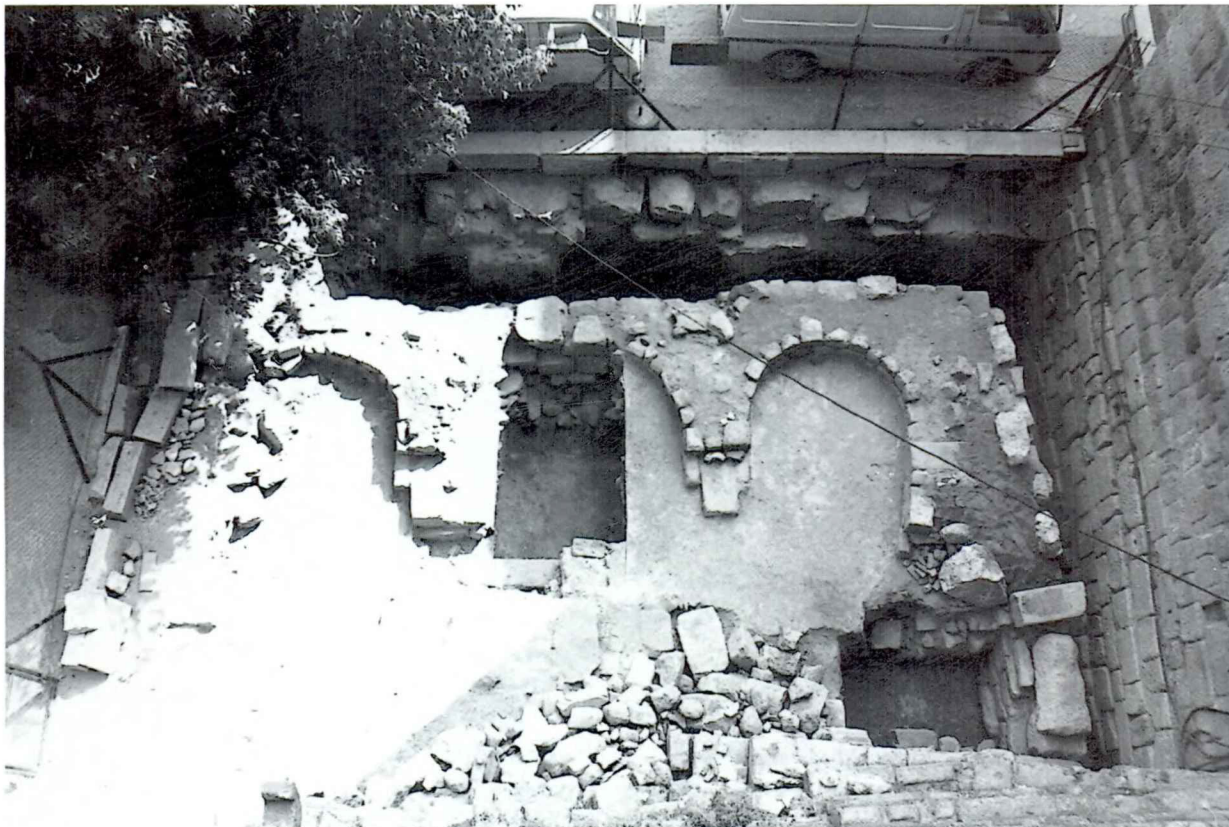
Isto é aquilo que até 1988 se podia dizer sobre o local e a sua evolução. O que existiu ali antes, nomeadamente na época romana e medieval? Seria uma casa luso-romana como o dizia o Dr. José Coelho?

Logo no início da escavação, duas surpresas começaram a surgir, primeiro indefinidas e depois cada vez mais nítidas, à medida que se avançava. Revelava-se um forte muro por baixo do chamado «passeio dos cónegos» e um semi-círculo a que viriam juntar-se mais dois, numa simetria perfeita.

A continuação da escavação e uma maior definição das estruturas aparecidas levaram à conclusão que se tratava da cabeceira de uma igreja paleo-cristã.

Constituída por uma ábside central e dois absídeos, a central media cerca de três metros de diâmetro e as duas laterais dois metros, medindo toda a cabeceira cerca de treze metros, incluindo as paredes exteriores (estampa I e IV).

O pavimento estava quase completo e na construção da basílica foram reaproveitados muitos



Estampa I. Vista aérea dos muros da basílica.

materiais anteriores. Internamente, as paredes eram pintadas com frescos de que apareceram muitos fragmentos e as cores utilizadas e o tipo de pincelada são tipicamente paleo-cristãos. Exteriormente, a basílica era caiada, pois apareceram ainda vestígios da cal que cobria as paredes.

O corpo da igreja estendia-se para o actual Adro da Sé, como se comprova com o facto de o muro ocidental da basílica se prolongar por baixo da muralha que separa a Praça D. Duarte do Adro da Sé.

A zona central do culto, o altar, desapareceu quase completamente. Apenas restou a base das pedras onde assentava.

O muro que se revelava por baixo da muralha que separa a Praça D. Duarte do Adro da Sé, era constituído por pedras almofadas reaproveitadas que alternavam com pedras lisas. Quando chegámos ao fundo, verificámos que este muro foi construído sobre a basílica, não havendo sequer a preocupação de escavar um alicerce, pois as paredes assentavam directamente sobre os muros e pavimento da basílica. Este muro aparece ainda hoje

perfeitamente destacado na muralha em que foi integrado sem ser destruído.

A basílica, por sua vez, implantou-se num local onde antes se erguia outro edifício, pois encontramos os restos de um pavimento em *opus signinum* que foi cortado pela vala dos alicerces e muitos elementos arquitectónicos reaproveitados.

Este pavimento mostra uma preocupação muito grande na sua elaboração. Tinha cerca de 15 cm. de espessura, a face superior era muito lisa e as cerâmicas utilizadas batante moídas.

Este mesmo pavimento viria a surgir do lado da Praça de D. Duarte, não se prolongando para lá, como inicialmente prevíamos, mas aparecendo também cortado.

Em posição fronteira à cabeceira da basílica situava-se a necrópole. Entre elas apareceu na escavação um forte muro que destruiu também o pavimento em *opus signinum* (estampas IV e III,2).

Assim sendo, temos que concluir que existiria ali um edifício anterior ao séc. V-VI a que pertenciam os elementos arquitectónicos reaproveitados na nova estrutura e o referido pavimento. Este pri-



Estampa II-1. Sepultura 3, antes de aberta.

meiro edifício era grandioso, a julgar pelos elementos que restaram, com colunas cujas bases mediam 70 cm. de diâmetro e cujas pedras seriam em grande parte almofadadas.

Podemos desde já concluir que naquele lugar existiram cinco construções: um primeiro edifício romano, destruído pela basílica, uma basílica cristã, que, por sua vez, foi destruída por uma construção que não podemos, de momento, imaginar o que fosse, uma casa construída nos finais do século passado e, finalmente a actual muralha, sob o «Passeio dos Cónegos».

Referimos acima a existência de uma necrópole na Praça de D. Duarte. Com efeito, na campanha de escavações ali realizada no ano de 1991, encontrámos quatro sepulturas.

Estas sepulturas eram construídas com pedras laterais e cobertas com lajes um pouco maiores, algumas reaproveitadas. O cadáver era colocado na própria terra (estampa II).

Desafiando o preceito divino que ordena que o

homem se transforme em pó depois da morte, dois esqueletos permaneceram intactos até aos nossos dias e um foi parcialmente destruído quando a sepultura foi violada para sobre ela se lançarem os restos da basílica entretanto destruída.

A quarta sepultura não continha qualquer esqueleto nem a terra gordurosa que costuma ficar com a destruição do corpo. A sepultura estava intacta, mas continha apenas terra de enchimento igual à da resto da necrópole e um osso de uma queixada de animal (estampa III-1).

Os esqueletos eram dois do sexo masculino e um do sexo feminino, não tendo sido encontrada qualquer inscrição nem espólio junto deles.

Sobre as sepulturas havia uma grossa camada de telhas e ímbrices, restos da destruição da basílica que foram lançados sobre o cemitério (estampas V, VI e VII).

Por razões que indicaremos adiante, presumimos que estes enterramentos terão ocorrido pela segunda metade do século VII.



Estampa II-2. Esqueleto da sepultura 3, depois de limpo.

ESPÓLIO

O espólio encontrado é constituído fundamentalmente por cerâmica, toda ela muito fragmentada que vai desde a época romana até aos nossos dias.

Da época romana podemos dizer que existem todos os tipos de cerâmica: comum, *sigillata* (marmorada, hispânica e sud-gálica), pintada, de cozinha e de mesa.

Estas cerâmicas apareceram muito misturadas, pois nos finais do Império romano toda a área deve ter sido arrasada. O que pode ser aproveitado, como as pedras, foi metido nas paredes dos novos edifícios entretando construídos: o que não prestava foi pura e simplesmente espalhado pela área. É por isso que aparecem misturados os materiais romanos do século I com os do final do Império e aparece, por exemplo, uma moeda de Honório por baixo de uma de Cláudio.

Embora não nos propondo estudar aqui os milhares de fragmentos cerâmicos que apareceram

com várias centenas a dar forma, uma ideia podemos reter: apareceram cerâmicas romanas do século I ao Baixo Império, paleo-cristãs, medievais e posteriores. Nas medievais salientamos as chamadas cerâmicas cinzentas paleo-cristãs e fragmentos de cerâmica árabe.

A cerâmica a que chamamos paleo-cristã é uma cerâmica cinzenta que à primeira vista se confunde com a cerâmica da Idade do Ferro estampilhada. Os fragmentos que encontramos pertencem a grandes vasos globulares, com tendência para fechar para o interior. A cor é cinzento claro. A pasta é homogénea, bem cozida, com finas partículas de mica e um alisamento que as torna macias ao tacto.

A decoração é constituída por elementos impressos, ferraduras, triângulos, círculos e quadrados. Apresentam ainda cordões ondulados e um cordão recto golpeado (estampas IX e X). Os elementos impressos são semelhantes aos que aparecem nas cerâmicas paleo-cristãs cinzentas *sigillatas*, definidos por J. RIGOIR (1960).



Estampa III-1, A sepultura 4, ainda fechada.

Esta cerâmica apareceu exclusivamente na vala dos alicerces da basílica misturada com cerâmicas romanas. Se atendermos a que esta cerâmica é apontada como sendo do século v, e, por outro lado, todo o material romano, incluindo moedas, é sensivelmente da mesma data, então temos uma cronologia para a construção da basílica: séculos v-vi.

Importante para a data da destruição da basílica, que deve ter ocorrido logo nos primeiros tempos da dominação árabe, são os fragmentos de cerâmica vidrada árabe que apareceram na necrópole, misturados no estrato de telhas e ímbrices.

O espólio monetário é constituído por moedas romanas e uma moeda portuguesa. As moedas romanas são essencialmente tardias, dos imperadores do Baixo Império, mas apareceu também uma de Cláudio, o mais antigo elemento seguramente datado até agora achado na cidade de Viseu.

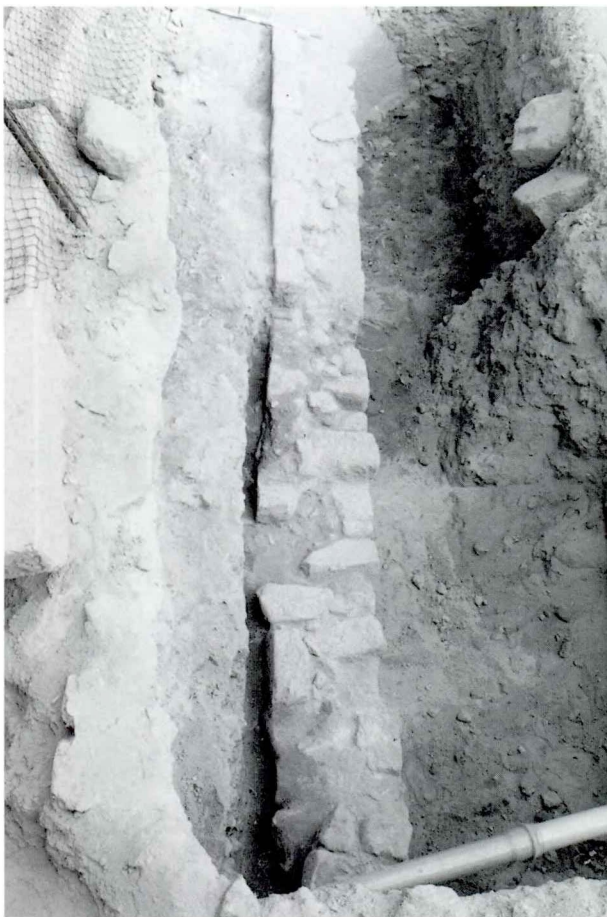
A moeda portuguesa é um ceutil que se reveste da máxima importância pelo lugar onde apareceu: na base da muralha que separa a Praça de

D. Duarte do Adro da Sé (Varanda dos Cônegos). Temos, pois, um elemento cronológico de grande importância para as obras desta muralha: finais do século xiv –inícios do século xv. Nesta data, ainda o forte edifício construído com pedras almofadadas e lisas acima referido não tinha sido destruído mas sim incluído na própria muralha.

Apareceram ainda várias pedras que pertenceram a edifícios anteriores à basílica: uma cornija medida no muro ocidental, pedras almofadadas, uma aduela de um arco, um fragmento de outra cornija igual à anteriormente citada, um fragmento de uma mó circular.

CONCLUSÕES

Há uns anos, quando se fizeram as obras de recuperação de Sé de Viseu e lajeamento do Adro actual foram encontradas várias sepulturas. Vistas apressadamente, o Dr. José Coelho atribuiu-as à



Estampa III-2, Muro de separação entre a basílica e a necrópole.

época lusitano-romana (COELHO, 1949, p. 34-35). Este facto tem deixado perplexos os que se têm debruçado sobre a cidade romana de Viseu (ALARCÃO, 1989, p. 11). Com efeito, não se compreenderia a existência de uma necrópole romana dentro da cidade, uma vez que os romanos nunca faziam as suas necrópoles intra-muros. Assim sendo, não poderiam ser da época romana, mas de uma outra.

A descoberta da basílica veio esclarecer estas dúvidas. As sepulturas não pertenciam a uma necrópole romana, mas à necrópole paleo-cristã que se situava junto à basílica. Ficam assim esclarecidas as dúvidas a que o Dr. José Coelho conduziu os historiadores de Viseu ao afirmar a existência de uma necrópole no interior da cidade romana.

Outra questão importante é a que se relaciona com a destruição da igreja pelos árabes. Porque afirmamos isto?

São os próprios historiadores árabes que nos relatam muitos episódios encarniçados e sangrentos da conquista da Península.

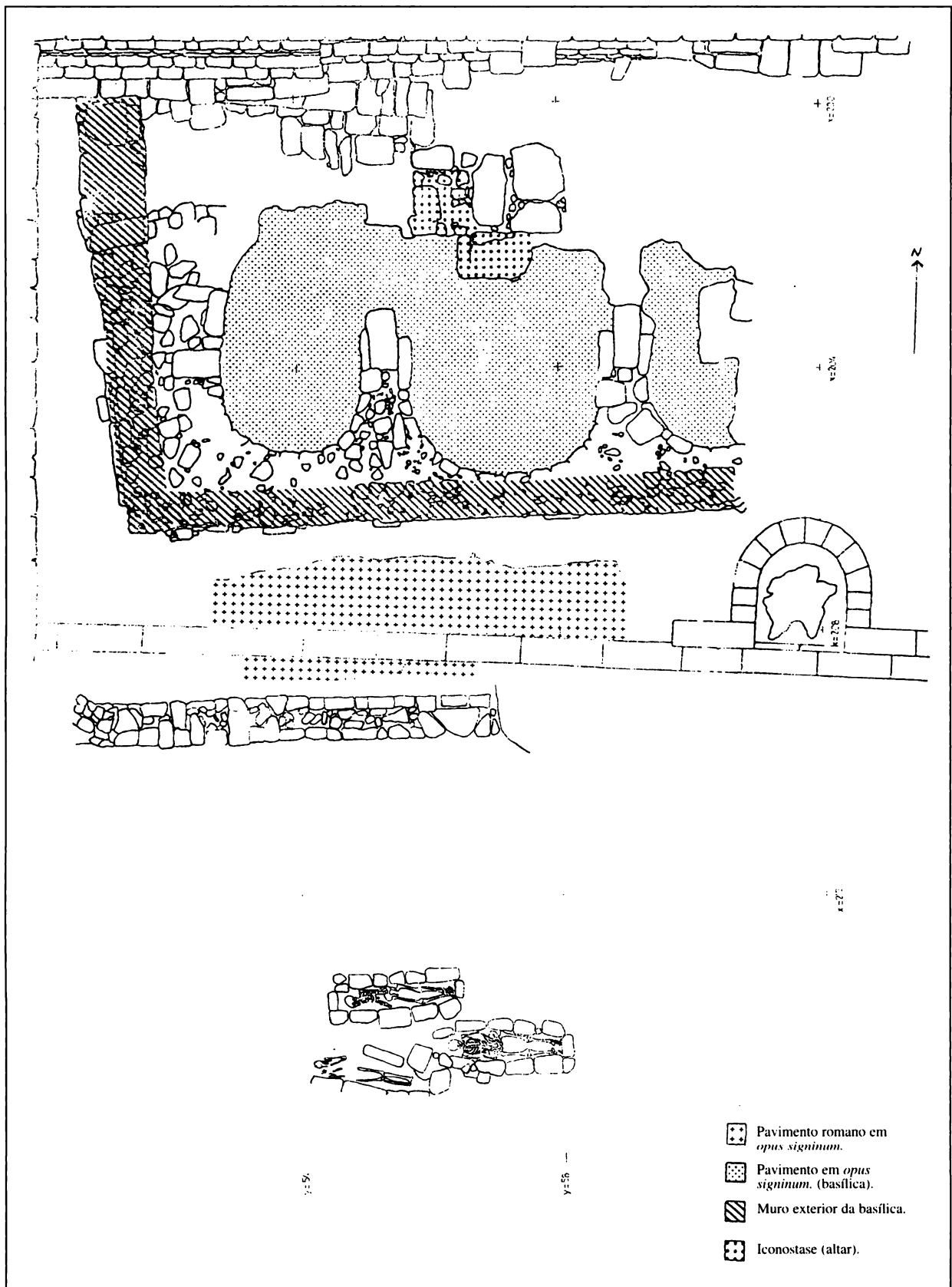
Recordemos alguns desses episódios. Em 713, conta-nos Al-Maqqari, na obra *Naft al-Tib* (COELHO, 1989, p. 53) a vinda de Muça para a Península e as suas relações com o 1º conquistador, Tárrique. Este tinha já submetido toda a Península faltando apenas a Galiza, cuja capital era Viseu, «não restava em Espanha mais nenhuma comarca, a não ser a Galiza, que não estivesse em poder dos árabes».

Mais à frente, acrescenta Al-Maqqari, Muça «conquistou os castelos de Viseu e de Lugo e ali se deteve enviando exploradores que chegaram até à penha de Pelágio, sobre o mar Oceano. Não ficou igreja que não fosse queimada, nem sino que não fosse quebrado». Isto aconteceu em fins de Julho de 713, dois anos apenas após a invasão árabe, o que mostra a facilidade da conquista e a fraca resistência oposta pelos cristãos do sul, divididos por lutas intestinas.

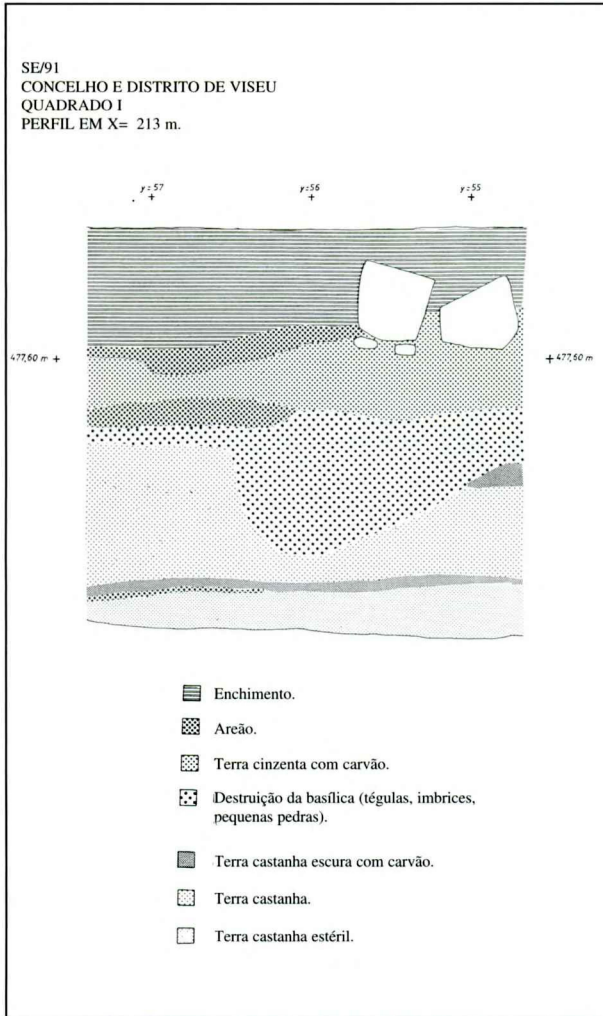
Se, como diz Al Maqari, Muça se estabeleceu em Viseu, não seria lógico que permitisse que junto a si os cristãos continuassem praticar o seu culto. Além do mais, se ele destruiu as igrejas dos lugares por onde passou, não iria deixar de pé a igreja da cidade onde se fixa. Em função destas informações somos levados a concluir que a basílica de Viseu foi destruída por esta data. Com as suas pedras, que eram já as pedras reaproveitadas de um edifício romano, foi construído um castelo de que restará uma torre integrada na muralha que separa o Adro da Sé da Praça de D. Duarte e a que já nos referimos.

A tradição diz que em Viseu existiu uma primeira catedral na igreja de S. Miquel. Pensamos que esta tradição se começou a formar quando se descobriu que S. Teotónio ali se deslocava para celebrar missa semanal.

Diz-nos o biógrafo de S. Teotónio, um discípulo anónimo cuja obra foi publicada no século XVIII: «2. Em todas as sextas feiras segundo seu costume, dizia missa por todos os fiéis defunctos na egreja do archanjo S. Miguel, que está fóra dos muros no cemitério da mesma Cidade de Viseu. «Naquelle dia se ajunctava como em solemnidade todo o povo de Viseu, tanto por reverencia do Sacerdote, como para memoria dos defunctos de sua obrigação». (*Vida de S. Theotónio*, p. 38-39).



Estampa IV. Planta geral da escavação.



Estampa V.

O pequeno passo transcrito é de uma riqueza histórica muito grande pois, além da vida de S. Teotónio, informa-nos também sobre a estrutura urbanística de Viseu. Com efeito, ficamos a saber por este texto:

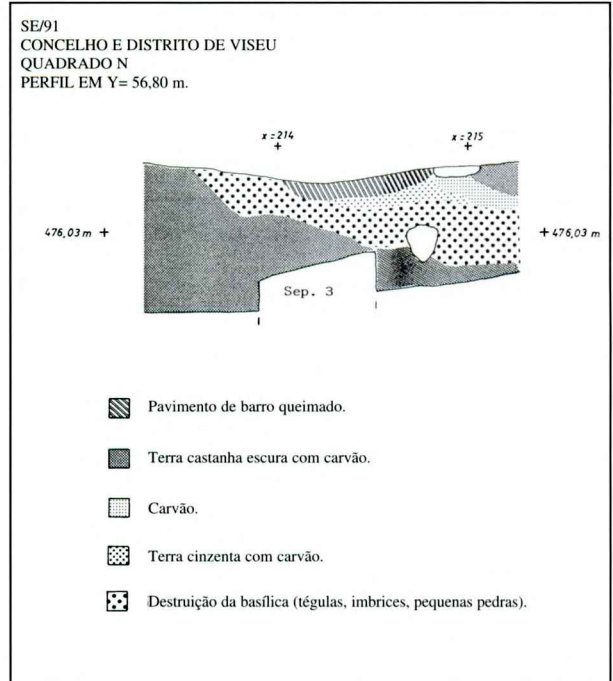
1. S. Teotónio celebrava sempre missa às sextas-feiras na capela de S. Miguel.

2. A capela de S. Miguel já existia no século XII, embora o actual edifício pertença ao século XVIII, nada restando da primitiva capela românica ou visigótica.

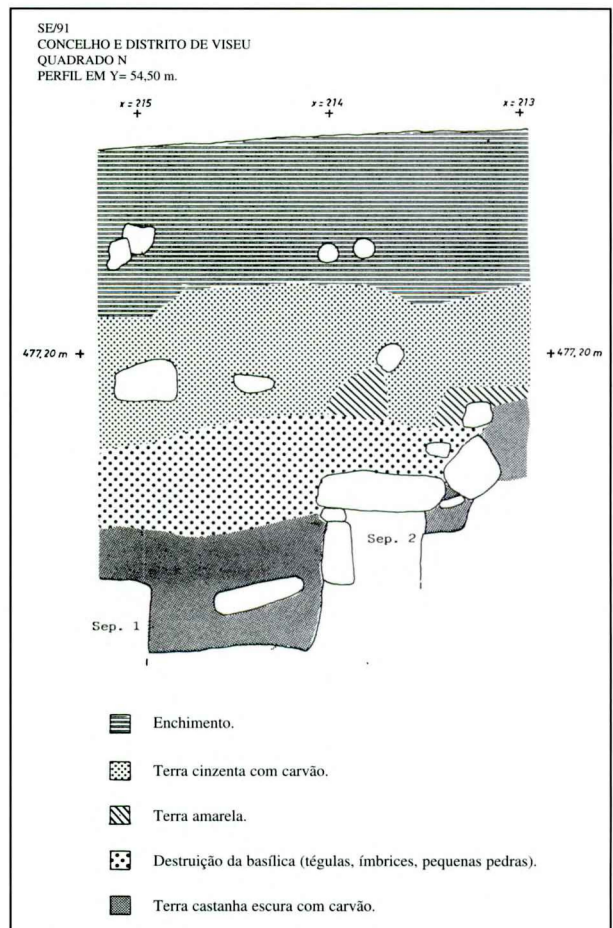
3. A capela da S. Miguel ficava no cemitério de Viseu.

4. Tanto a capela como o cemitério ficavam já fora de muros.

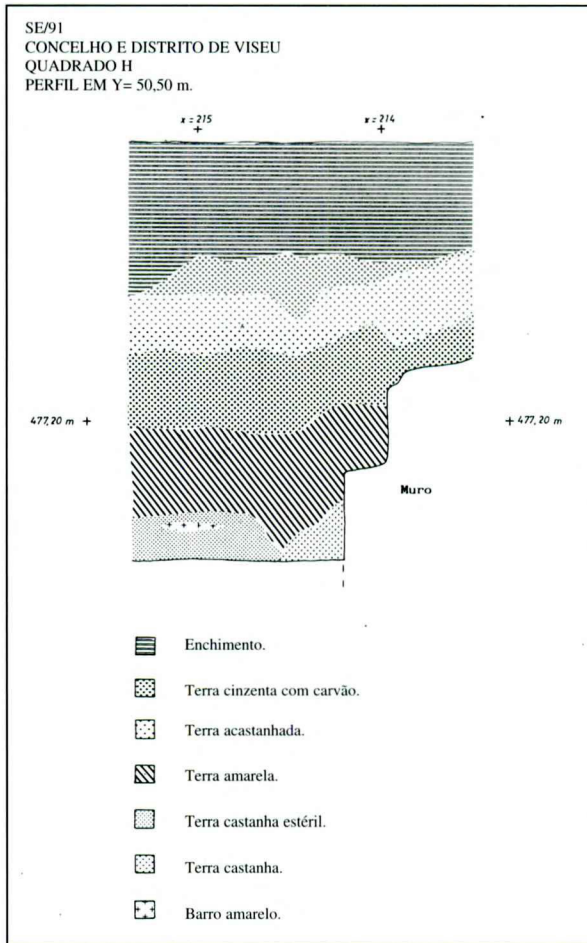
O ponto 3. a existência de um cemitério junto à capela de S. Miguel, foi já confirmado arqueologicamente.



Estampa VI.



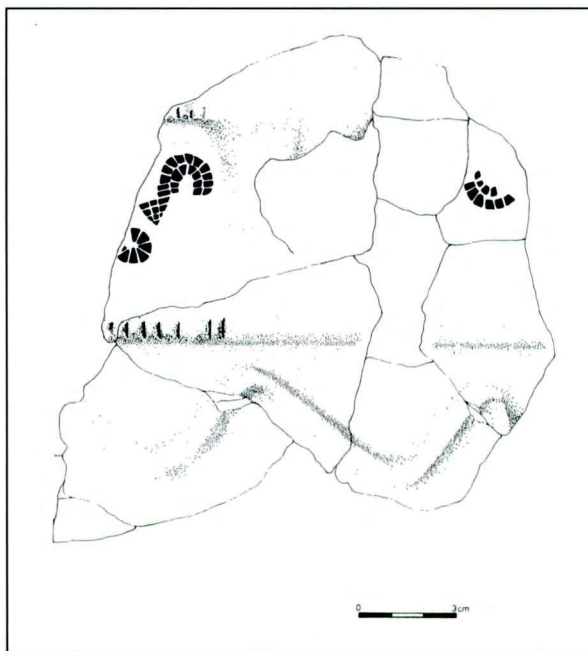
Estampa VII.



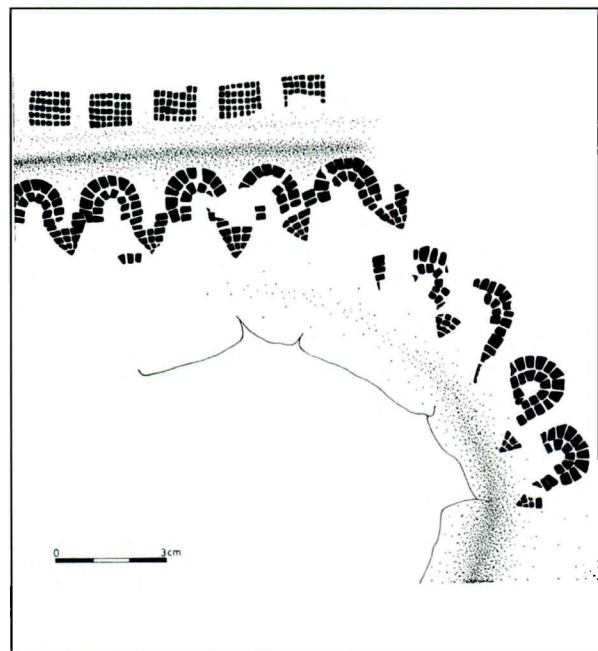
Estampa VIII.

Quando foi aberta a actual estrada da circunvalação, um dos signatários (J.L.I.V.) foi alertado por Monsenhor Celso para o aparecimento de ferros e telhas naquele sítio. Pedida a respectiva autorização foi ali efectuada uma escavação de emergência que permitiu escavar uma sepultura completa e duas semi-destruídas. Esta escavação veio confirmar que, pelo menos desde os séculos IV-VI, ali existia um cemitério. Por outro lado, não será por acaso que a tradição diz que ali teria sido sepultado o último rei dos visigodos. Há assim toda uma tradição de enterramentos naquele lugar.

Como conclusão final, devemos salientar a importância da intervenção efectuada para a História da cidade, pelos elementos novos que trouxe e pela revisão que permitiu de outros e também a importância de que se reveste para o estudo do período paleo-cristão peninsular.



Estampa IX.



Estampa X.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J., 1989. *A Cidade Romana de Viseu*, Viseu.
- COELHO, J., 1934. Construções romanas junto da Sé de Viseu, in *Distrito de Viseu* (jornal), n.º 259, 30-06.
- COELHO, J., 1943. Importância de Viseu na época romana, comunicação ao *Congresso Luso-espanhol para o Progresso das Ciências de 1942*, Porto.
- COELHO, J., 1949. *Notas Arqueológicas. Subsídios para o estudo etnológico da Beira*, 1º vol. Viseu.
- COELHO, A.B., 1989. *Portugal na Espanha Árabe*, vol. 2. Lisboa.
- GIRÃO, A.A., 1925. *Viseu - estudo de uma Aglomeração Urbana*, Coimbra.
- RIGOIR, J., 1960. *Les Céramiques Paléo-Chrétiennes Sigillées Grises. Vida de S. Theotónio*, edição fac-similada, Viseu.